
Crónica de onomástica paleo-hispânica (6)

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

R E S U M O Damos continuidade à nossa série de comentários sobre onomástica hispânica pré-romana, que saíram publicados em anteriores volumes desta mesma revista.

A B S T R A C T This is the sixth in our series of commentaries on Hispanic pre-Roman onomastics. All the others were published in previous volumes of this same journal.

abarcis. Placa de chumbo. Punta del Castell (Palamós, Girona). *MLH* III 2 C.4.1.

Reiteramos as observações que formulámos em 1995 a propósito deste NP (Faria, 1995a, p. 323): a notação gráfica da oposição de sonoridade entre oclusivas no texto em questão obsta à ocorrência de uma haplogogia em **abarcis** (*contra*, Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 34, que não apresenta nem argumentos nem bibliografia). Não há, pois, nenhuma razão que nos leve a duvidar da existência, na inscrição de Palamós, de dois segmentos onomásticos distintos: **argis** (em **lacuargis**) e **cis** (em **abarcis**). Pérez Orozco (1993a, p. 62) tinha também segmentado **abar-cis** em **abar-cis**, mas, em nosso entender, havia partido de premissas erradas.

ACIRGI. Marca de ânfora. La Catria (Lora del Río, Sevilha). Chic, 1985, p. 72.

Embora a decisão de José Antonio Correa (2002a) tenha sido outra, haveria, do nosso ponto de vista, que incluir ACIRGI entre os NNL pré-romanos, mais especificamente ibéricos, da Bética (Faria, 2000a, p. 125). Ao invés do que preconizávamos (Faria, 2000a, p. 125), *acir* não derivará de nenhum NP, sendo preferível pensar que estamos ante um segmento onomástico que ocorre tanto em NNP como em NNL (e em gentílicos) (Untermann, 1992, p. 31). Tão-pouco é absolutamente certo, tal como havíamos sustentado (Faria, 2000a, p. 125), que o sufixo *-gi* faça apenas parte de NNL (Faria, 2002a, p. 123). No entanto, deve ser salientada a preponderância do mencionado sufixo em NNL, circunstância que nos conduz a aceitar que *-gi* pode, a par do elemento onomástico *-turgi*, ser exclusivo da composição toponímica. Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 42) tenta fazer derivar o NL latinizado *Iliturgis* (como se a sibilante final não fosse, ela própria, um acrescento latino) de um suposto **ildir-turges*, ignorando o testemunho aduzido por **arce-turgi** (CNH 182:1-7).

A propósito de NNL ibéricos, a ausência de bibliografia dá a entender que Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 42) terá identificado o sufixo **-e** em **ar̄se** e em **belse** (Faria, 1995a, p. 325) e o

sufixo **-o** em **lauño** e em **ilduño** (Faria, 1995a, p. 326, 2002a, p. 129), mas não é de facto assim. Também ao contrário do que possa parecer, a identificação do sufixo **-a** em *Egara* não é da autoria de Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 42) (Faria, 2000a, p. 132); e a do sufixo **-no**, em **barceno** < **balceno* (Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 42), tão-pouco (Faria, 1995a, p. 324).

agirtigi. Placa de chumbo. El Tossal de La Balaguera (La Pobla Tornesa, Castelló). Allepuz Marzà, 2001, p. 179 e Fig. 85:6.

Esta é também a leitura veiculada por Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 39 e n. 25) para o NP de que nos ocupámos nas nossas crónicas mais recentes (Faria, 2002b, p. 234, 2003, p. 211). Nenhuma bibliografia, porém, é mencionada por aquele linguista ao referir-se à inscrição que veicula o NP **agirtigi**.

Por dupla distração, de que nos penitenciamos, o trabalho de Xavier Allepuz Marzà (2001) ficou por citar nas bibliografias finais correspondentes às nossas duas últimas crónicas (Faria, 2002b, 2003). A propósito de distrações, o penúltimo signo do NL **lauño** corresponde, obviamente, a uma vibrante, e não a uma sibilante (Faria, 2002a, p. 133).

aibelor. Prato de prata. Vallejo de las Viñas (Abengibre, Albacete). *MLH* III 2 G.16.1.

Tal como o fez Untermann (*MLH* III 1, p. 209, 228), **aibelor** deve segmentar-se em **aibe-lor**. Divergindo do linguista alemão, estamos convencidos de que é possível individualizar o segundo componente deste NP em **abu-lor-aun** (Faria, 2000a, p. 122-124), **lor-saf** (B.7.36) e **lor-sur** (B.7.35) (Faria, 2000a, p. 123). Num primeiro momento, Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261) aceitou, a título meramente hipotético, que **aibelor** constituísse uma haplologia de **aibe-belor*, mas as dúvidas que manifestou naquela altura, ao colocar entre parênteses o formante *belor*, dissiparam-se entretanto por completo (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 48). Tanto quanto sabemos, contudo, não existe um só testemunho inequívoco da ocorrência de *belor*, publicado antes ou depois de 2000. Não havendo, por conseguinte, nenhum suporte documental que o justifique, desconhecemos os motivos que levaram Rodríguez Ramos a descartar liminarmente, nos últimos dois anos, a segmentação advogada por Untermann.

aidiCeldun(gi?). Placa de chumbo (Montealegre del Castillo, Albacete). *MLH* III 2 G.15.1.

aid(u)-iCe-(i)ldun é a segmentação que apresentámos ao longo de uma década para **aidiCeldun** (Faria, 1990-1991, p. 77, 82, 1991a, p. 188, 2000a, p. 125, 2000b, p. 62). Recentemente (Faria, 2002a, p. 123, 124, 130), não descartámos a possibilidade de o elemento **-gi** integrar o NP em apreço, mas esta é uma questão que agora não vem ao caso.

Tem sido, desde há mais de dez anos, nossa intenção demonstrar que naquele NP haveria que individualizar dois elementos onomásticos, **aidu** e **ildun**, cuja identificação tinha escapado a Untermann (1987, *MLH* III). Isto mesmo foi reconhecido por Luis Silgo (1998-1999, p. 23-24, 2000a, p. 287), e foi isto mesmo Rodríguez Ramos em 2001 e em 2002 (ou 2003) (Rodríguez Ramos, 2001a, p. 17, 2002a [2003a], p. 33-34, 2002b [2003b], p. 236, n. 13) omitiu. Assim, nesta questão específica — frisamo-lo de novo (Faria, 2002a, p. 130) —, é, no plano ético, secundário apurar o valor morfológico de **-iCe-**: componente onomástico ou infix(s). Por outras palavras: esteja certa ou errada, a segmentação de **aidiCeldun** como **aid(u)-iCe-(i)ldun** é nossa.

Não deixa, contudo, de ser curioso verificar que a interpretação de **-iCe-** como infix, reivindicada por Rodríguez Ramos (2001a, p. 17), foi por nós advogada por mais do que uma vez (Faria, 1991a, p. 188-189, 1994a, p. 65), sem que ele o tivesse referido, precedência que confere

à sua reivindicação uma ilegitimidade irrefragável. Rodríguez Ramos (2001a, p. 17) dá também a entender que são dele as segmentações de outros NNP, designadamente de **dueid(u)-iCe-ildun** (F.21.1) (Faria, 1991a, p. 189, 1994a, p. 65, 2000b, p. 62), de *gan-ik-bos* (G.13.1) (Faria, 1994a, p. 65, 1999, p. 155, 2000a, p. 140) e de **orce-iCe-laur** (D.12.1) (Faria, 1991a, p. 189-190, 1994a, p. 65). Tanto **dueidiCeildun** como **orceiCelauf** já haviam sido por nós identificados como NNP bimbres infixados por **-iCe-** (Faria, 1991a, p. 189-190).

A inscrição que exhibe o NP **aidiCeldun(gi?)** ostenta também a sequência morfemática **oTe-roCeTa**, cuja transliteração é da nossa autoria (Faria, 1991a, p. 195). Este facto, que Silgo (1996, p. 305) reconheceu sem quaisquer problemas, foi omitido por Rodríguez Ramos (2002b [2003b], p. 240).

No que toca ao NP presente em G.4.1, a circunstância de o termos transliterado sucessivamente como **aiuniTulbir** (Faria, 1990-1991, p. 76) e como **aiuniCarbir** (Faria, 1991a, p. 192, 1994a, p. 65, 66, 1997a, p. 106, 2000a, p. 122) deixa desde logo entrever as dificuldades de leitura que o mesmo envolve. Além disso, a partir do momento em que optámos definitivamente pela leitura **aiuniCarbir**, não deixámos de evidenciar, em várias ocasiões, alguma inconsistência na forma de o segmentar, tendo em conta a natureza equívoca da documentação em causa. Na última delas (Faria, 2002b, p. 238), além de termos reiterado as nossas incertezas — as quais, importa reconhecê-lo, não serão desfeitas tão cedo — cremos que ficou provada a nossa boa-fé. Convirá, em contrapartida, sublinhar que Rodríguez Ramos (2001a, p. 17, 2002a [2003a], p. 19) não reconheceu que alguém o tinha precedido na segmentação de **aiunicarbi** (*sic*) (Rodríguez Ramos (2001a, p. 17) como **aiun-iC(e)-arbir** (Faria, 1994a, p. 65, 66). E o facto de termos abandonado esta última transliteração — ainda que não completamente, porque o testemunho disponível está longe de ser esclarecedor — não confere, em nosso entender, a Rodríguez Ramos o direito de prescindir dos precedentes bibliográficos. Por outro lado, Rodríguez Ramos (2001a, p. 17) fez desaparecer o arrelizador signo com que termina o NP a fim de que a analogia estabelecida com o segmento onomástico **arbi** fosse perfeita. Todavia, entretanto, o signo de vibrante, que vimos lendo desde 1991 (Faria, 1990-1991, p. 76, 1991a, p. 189, 1994a, p. 65, 66, 1997a, p. 106, 2000a, p. 122), acabou por ser reabilitado — num processo que, se recorrêssemos à expressão que nos dedicou Rodríguez Ramos, poderíamos rotular como uma «oportunista ‘recuperación’» (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 19, n. 3) — com o objectivo de fazer parte integrante do (bastante suspeito, dada a forma do penúltimo signo) NP **aiunigaldur** (Rodríguez Ramos, 2002a, p. 209).

aidurgi. Pratos de prata. Vallejo de las Viñas (Abengibre, Albacete). *MLH* III 2 G.16.3, .4.

Continuamos a pensar que a segmentação do presente NP em **aidu-(u)rgié*, de todas, a mais provável (Faria, 1999, p. 153, 2002a, p. 122). **aidurgin** consiste no resultado da assimilação da vogal do sufixo de “genitivo” **-en** à vogal final do NP em análise (Faria, 1990-1991, p. 75, 1991a, p. 196). É exactamente este o fenómeno que se documenta numa das inscrições funerárias de Badalona recentemente publicadas: **banduin** < **banduien* (Comas, Padrós e Velaza, 2001, p. 297-298). Vale a pena recordar que — excepto em G.16.2, onde **-aren** figura imediatamente antes de **beTiar** — os outros NNP que precedem o vocábulo (fórmula votiva?) **beTiar/biTiar** são sufixados por **-af**, outra marca gramatical de propriedade. São, pois, bastante escassas as probabilidades de o sufixo em questão não existir e fazer parte integrante do segundo elemento onomástico de **aidurgi**, como quer Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 32, 34): **aitu(tu)rcin**.

Tão-pouco nos parece viável a segmentação de **aidurgi** em **aidu-(tu)rgi*, porquanto este último segmento está exclusivamente atestado em NNL.

É certo que TVRCIRADIN tem sido aduzido como paralelo (*MLH* III 1, p. 212; Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 32); no entanto, não podemos deixar de detectar dois óbices para a aceitação deste alegado *comparandum*: a) TVRCIR- ocorreria em posição inicial, quando todos os>NNL ostentam **turgi** como segundo componente; b) TVRCIRADIN é apenas uma de duas hipóteses de leitura, e nem sequer a mais provável; a outra é IVRCIRADIN (Beltrán Lloris, 1986, p. 68, 1993a, p. 855, 1993b, p. 270, n. 105; Abascal, 1994, p. 393). Segundo Francisco Beltrán Lloris (1986, p. 68), TVRCIRADIN não passa de uma alteração introduzida por M.^a L. Albertos com o intuito de facilitar a identificação, no segmento inicial deste NP, de uma raiz indo-europeia, **turkos* ou **torkos*.

O facto de nos depararmos com **aidurgin** < **aidurgi-*(e)n, onde, tendo em conta os outros casos atestados na baixela de Abengibre, se poderia esperar **aidurgiař* leva-nos a considerar a eventualidade de ter havido uma regra morfológica ou fonotáctica passível de limitar a posposição do sufixo de genitivo **-ař** aos NNP terminados em **n**, **r**, **ř** e **ř**. O emprego de **-en**, pelo contrário, não parece sofrer qualquer tipo de restrições. Não podemos, por conseguinte, deixar de encarar com todas as reservas uma segmentação de **isceriař** (G.15.1) em **iscer-i-ař** (com duplo sufixo) (Rodríguez Ramos, 2001a, p. 17), quando a interpretação mais razoável consiste em ver neste NP um composto bimembre: **iscer-iař** (*MLH* III 1, p. 222, 224; Faria, 1990-1991, p. 86, 1992-1993, p. 278, 2000a, p. 138, 2002a, p. 128).

argibes. Vaso de cerâmica. San Miguel de Liria (Valência). *MLH* III 2, F.13.5.

Creemos que vale a pena comparar os testemunhos de **beř** por nós invocados (Faria, 1999, p. 154, 2000a, p. 126-127, 2002a, p. 132), acrescentados à lista fornecida por Fletcher e Silgo (1991-1993, p. 91), com a ideia defendida por Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 17), segundo a qual, à excepção de **sacarbeř** (G.13.1), todos os outros casos em que ocorre o dito componente apresentam um **i** a precedê-lo, pelo que se trataria do formante **ibes**, e não de **beř**. Porque Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 16) não os invoca, aqui fica a lista dos mesmos (Faria, 1995a, p. 328, 2000a, p. 126): **adin-bo-beř** (Campmajó e Untermann, 1993, p. 515; Faria, 2000a, p. 122, 2002a, p. 126, 2003, p. 215), **argi-beř** (F.13.5), **basi-beř** (G.1.5), **berCe-beř** (Untermann, 1991-1993, p. 96), **beř-ořtur-in** (Fletcher e Silgo, 1991-1993, p. 91; Faria, 1999, p. 154), **co-beř-ıř** (Faria, 1997a, p. 107), **oto-beř-(s)cen** (A.23; *CNH* 228:1) (Faria, 1995a, p. 327, 328), **sacar-beř** (G.13.1), **[---]i-beř** (G.0.1), **[---]o-beř** (C.2.54) e **[---]rdo-beř** (C.2.40). A propósito do NP **adin-bobeř**, Campmajó e Untermann (1993, p. 515) não manifestaram a mais pequena dúvida sobre a leitura de qualquer dos signos que o compõem. Ainda assim, Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 22, n. 8) entende que **adinbobeř** pode ser **adinborř**, mas não consegue demonstrar a bondade da sua transliteração. Se observarmos os onze nomes acima mencionados, verificamos que em dois dos três casos — três num total de onze — em que **i** que precede **beř** (o restante caso é indeterminável), a vogal integra o componente nominal anterior. Num caso, **argi-beř** (Siles, 1985, p. 62-62, n.º 172) e, no outro, **basi-beř** (Siles, 1985, p. 109, n.º 382). Aos oito nomes, em escrita ibérica, cujo componente em análise não vai precedido de **i** poderemos acrescentar BAMBIX, OMBEX e SEMBESVS (Faria, 2002a, p. 132, com bibliografia anterior). Efectivamente, apesar das reservas manifestadas por Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 45, n. 32), é desde há muito conhecida (v., entre outros, Gorrochategui, 1984, *passim*) a partilha de segmentos onomásticos entre nomes próprios (paleo)basco-aquitanos e ibéricos, tendo alguns daqueles sido individualizados por nós nos últimos anos.

becoriśař. Vaso de cerâmica (*skyphos*). *Illiberis* (Elne, Roussillon). Cura i Morera, 1986, p. 203-204.

Aos NNP que partilham o segmento nominal **iśař** com **laboiśař** (Faria, 2003, p. 223) faltou-nos acrescentar **becoriśař**. **becor** ocorre igualmente em **becorto** (B.7.34) (Faria, 1990-1991, p. 84, 1994a, p. 67, 69) e em **becorabar** (Martínez Valle, 1993, p. 249; Faria, 1994a, p. 69), constituindo presumivelmente um NP simples em três ocasiões: **bekor**, em caracteres gregos (G.1.1) (Siles, 1985, p. 113, n.º 394; *MLH* III 2, p. 568; Faria, 1990-1991, p. 84, 1994a, p. 69) e **becor** em caracteres levantinos (F.13.3) (Fletcher, 1985, p. 13; *MLH* III 2, p. 441, Faria, 1990-1991, p. 84, 1994a, p. 69) e meridionais (G.15.1) (*MLH* III 2, p. 623; Faria, 1990-1991, p. 84, 1994a, p. 67, 69). No vaso de San Miguel de Liria, é, todavia, admissível a transliteração **beber** em alternativa a **becor** (*MLH* III 2, p. 441). Não encontramos **becor** em nenhuma das listas de elementos antroponímicos ibéricos elaboradas por Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261, 2002a [2003a], p. 48). Tão-pouco **iśař** consta de qualquer delas. Já o mesmo não se passa com **catu**, que combina com **iśař** em **catuiśař** (Faria, 1995b, p. 83), tendo sido igualmente empregue em **catuecaś** (Faria, 1995b, p. 83). **catu** figura somente na mais recente das listas (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 48), o mesmo acontecendo, de resto, com **cacu**, **olós** e **saiř**, elementos antroponímicos que já havíamos recolhido em 1998 (Faria, 1998a, p. 269).

Tem razão Rodríguez Ramos ao declarar que a nossa lista de 1998 incluía somente 240 componentes onomásticos. Porém, para chegar aos mais de 350 formantes a que aludimos no mesmo texto (Faria, 1998a, p. 269), Rodríguez Ramos teria de somar os 240 da nossa lista aos 136 mencionados por Velaza (1996a, p. 37-38), o que lhe daria um total de 386. Se descontasse os 18 que tínhamos por espúrios no elenco publicado por Javier Velaza (Faria, 1998a, p. 269), Rodríguez Ramos chegaria a um total de 358 formantes. Contas muito fáceis, que Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 25, n. 13) não quis fazer.

becueře. Placa de calcário. Sagunto (Valência). *IRSAT* 152.

Há alguns anos (Faria, 1999, p. 154), considerámos este NP ibérico segmentável em **becu-er** + suf. **-e**, tendo, na mesma altura, fornecido todos os *comparanda* que sustentavam uma tal análise. Recapitulando: o elemento antroponímico **er** encontra-se atestado em **bene-beTan-er** (F.13.12, .28) e em SANIBELSER (TSall) < **sani-bels-er* (Faria, 1994a, p. 69), enquanto **becu** está presente em **becu-egi** (Faria, 1996a, p. 155) e em **uecu-egi** (Faria, 1996a, p. 175). Não obstante as conclusões a que chegámos, **becueře** não passa, na perspectiva do Professor Velaza (*apud IRSAT*, p. 345, n. 238), de uma sequência de signos sem sentido aparente. Ficámos sem saber se este ibe-rista chegou a explicar a Corell e a Gómez Font as razões em que alicerçou o seu parecer.

begibilos. Cerâmica. Baeza (Jaén). Correa, 1989.

Este NP foi identificado por nós (Faria, 1995b, p. 80), facto que Rodríguez Ramos (2002b [2003b], p. 236) omitiu.

belsor. Placa de chumbo. Montlaurès (Narbonne). Untermann, 2002a, p. 358-360.

A transliteração **belsbur**, que Untermann oferece em alternativa a **belsor**, deverá ser admitida com alguma reserva, já que não se conhecem quaisquer outros exemplos da sequência **-lsb-**, mesmo em casos de junctura. Se este NP for transliterado como **belsor**, o mesmo deverá decompor-se em **bel** (Faria, 1995a, p. 324, 2002a, p. 125, 2003, p. 216) e em **sor**, elemento que, tanto quanto nos é dado saber, só conta até hoje com um (provável) testemunho: **soriCe** (D.2.1). A par deste, Untermann (2002a, p. 360), contrariando a segmentação que postulava há alguns anos (Unter-

mann, 1996, p. 95), invoca o caso de **Canisor**, alegadamente gravado num dos chumbos de Pech Maho (B.7.35). Cremos, contudo, que se trata de uma leitura e de uma segmentação incorrectas, devendo as mesmas ser substituídas por **culesbur-Ce # nisor # badei-Ce** (Faria, 1994a, p. 67, 1999, p. 155). Além de **culesbur**, o outro NP presente naquela sequência é **nisor**, que surge como primeiro componente em **nisorbar** (F.9.6) (Faria, 1990-1991, p. 87, 1991a, p. 188, 1994a, p. 67). **nisor** não faz parte de nenhuma das listas de elementos antroponímicos elaboradas por Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261, 2002a [2003a], p. 48). Na eventualidade, menos provável, de que seja **belsbur** a transliteração apropriada, além dos NNP que foram arrolados por Untermann (2002a, p. 360) no sentido de corroborar a existência do componente **bur**, convirá mencionar **adibur** (H.3.1) (Faria, 1990-1991, p. 75, 83, 1994a, p. 66, 1998b, p. 238), **alásbur** (Solier, 1979, p. 83, 84; Faria, 1990-1991, p. 82, 1994a, p. 66, 1997a, p. 106; Correa, 1992, p. 262), **[I]eisbur** (B.7.34) (Silgo, 1994, p. 94, 197; Faria, 1995a, p. 327, 1997a, p. 107) e, talvez, **selgibur** (Rodríguez Ramos, 2000, p. 48-49).

berbai. Tépsera de chumbo. Camp de les Lloses (Barcelona). Panosa, 2001, p. 530-531.

Não vemos nenhuma razão para alterarmos o que escrevemos sobre este NP (Faria, 2002a, p. 125-126), depois de lermos as linhas que à inscrição que o documenta dedicou Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 45-46), nomeadamente quando responde à seguinte interrogação (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 46): “¿qué tipo de texto podemos esperar de un monetiforme?: uno similar a los de las monedas”. Em nossa opinião, esta resposta é, no mínimo, discutível, já que estamos na presença de um grafito, e não de um lereiro gravado no cunho, circunstância que faz toda a diferença. Decorre desta observação, aparentemente irrelevante, que não cabe individualizar na dita peça monetiforme nem um NL nem uma marca de valor. Assim, afigura-se-nos altamente questionável passar de **berbai-eCine<i>ti(n)-Yi** — talvez NP + patronímico + “possessivo” (Faria, 2002a, p. 125-126) — para **berbaie-Cine-etaban** — presumível NL + (?) + marca de valor.

bersír. Placa de chumbo. La Bastida de les Alcuses (Mogente, Valência). *MLH* III 2 G.7.2.

Estamos perante um NP, por nós identificado pela primeira vez (Faria, 1990-1991, p. 77, 79, 1991a, p. 194-195), facto omitido por Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 17, 2002b [2003b], p. 238), e que deve provavelmente ser decomponível em **bers-ír** (Faria, 1994a, p. 67, 69). Na eventualidade, que temos por mais verosímil, de ser esta a segmentação adequada, o segundo elemento ocorre com alguma frequência na antroponímia ibérica, especificamente em **co-beś-ír** (Pérez Rojas, 1993, p. 164-165) (Faria, 1997a, p. 107), **cules-ír** (B.7.35, .36) (Faria, 1995a, p. 326), **gares-ír** (F.13.3) (**Cares-ír**: Faria, 1994a, p. 70, 1995a, p. 326, 1997a, p. 107, 2000a, p. 130) e **leis-ír** (Solier e Barbouteau, 1988, p. 72) (Faria, 1995a, p. 326, 1997a, p. 107). **bers**, por seu lado, está atestado em **berstan** (G.17.1) (Faria, 1994a, p. 67, 70) e, eventualmente, em **[s]elgiberśar**, se este for um NP trimembre (Faria, 1999, p. 156, 2003, p. 215). Pode, todavia, suceder que não seja esta, mas sim **ber-sír**, a segmentação a adoptar (Faria, 1994a, p. 67, 69, 2002a, p. 125). Cabe aqui recordar que ambas as hipóteses são da nossa autoria, não havendo nenhum motivo que nos induza a descartar qualquer delas, porque, tal como bem lembra Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 21), “las segmentaciones íberas son poco fiables”. Pela maneira como o assunto é apresentado, Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 17, 2002b [2003b], p. 232) parece dar a entender que é sua a segunda das nossas hipóteses. Seja como for, o único argumento a que recorre Rodríguez Ramos não tem valor probatório, uma vez que, em quatro dos cinco casos aduzidos, a sibilante que precede **ír** pertence seguramente ao componente onomástico anterior. **ber-sír** poderia conformar

a exceção à regra, mas, como vimos, **[s]elgibersaír** e, sobretudo, **berstan** depõem contra a existência de uma tal exceção. Por outro lado, é preciso não esquecer a importância que, para a resolução deste problema, pode assumir **betigibelsír** (Campmajó e Untermann, 1993, p. 510; Faria, 1994a, p. 69), susceptível de proporcionar várias segmentações, todas elas discutíveis, sendo que uma delas admite a individualização de **-ír** (Faria, 1994a, p. 69).

bilbiliars. Mosaico. *Andelo* (Muruzábal de Andión, Navarra). Mezquíriz, 1991-1992, p. 365-357; *MLHIV* K.28.1.

Num dos nossos últimos artigos (Faria, 2002b, p. 234), argumentámos, com base num estimulante texto de Pérez Orozco (1993b), que os NNL sufixados por **-s** correspondem a gentílicos. Também Javier de Hoz (2002a, p. 162-163) acabou por chegar à mesma conclusão, aduzindo os já conhecidos **aušes** (Aquilué e Velaza, 2001, p. 284), **iCales** (*CNH* 324:3), **ildirges** (*CNH* 201:8, 12, 13) e **sedeis** (*CNH* 219:5-6, 11, 12). Estes três últimos gentílicos haviam sido considerados abreviações de NNL seguidos de **-scen** tanto por Untermann (1992, p. 26, n. 38) como por Pérez Orozco (1993b, p. 225). Além de **sesaírs** (*CNH* 209:1-9) e de **bilbiliars** (K.28.1) (Faria, 2002b, p. 234), Pérez Orozco inclui também entre os gentílicos **bastesildir** (Pérez Orozco, 1993, p. 225) e **CASTLOSAIC** (Pérez Orozco, 1993b, p. 225-226), podendo, porventura, idêntica interpretação ser extensível a **arsaos** (*CNH* 252:1-24), **oYTiCes** (*CNH* 261:1-2) e **tirsos** (*CNH* 262:1). De Hoz (2001, p. 357, n. 67) chegou a sugerir, em nosso entender com grande pertinência, que “la *s* final [de **bilbiliars**] esté relacionada con la de *-esken* [*sic*]”, mas não chegou a retomar o tema nos textos em que tal se justificaria (De Hoz, 2002a, 2002b). É evidente que, no caso de **-s** constituir um formante étnico, torna-se bem maior a probabilidade de ser **-scen** (*MLHIII* 1, p. 175; Pérez Orozco, 1993b, p. 225-226; Correa, 1994, p. 270; Silgo, 2000, p. 101-103; Rodríguez Ramos, 2002b, p. 203; Faria, 2002b, p. 234), e não **-escen** ou **-(e)scen** (Vallejo, 1950, p. 219; De Hoz, 2002a, *passim*, 2002b, p. 213-214), o complexo sufixal em análise. Quanto à eventualidade de a dita sequência de sufixos se limitar a **-cen** (Aquilué e Velaza, 2001, p. 284-285), cremos que a mesma deve ser descartada completamente porque a legenda monetária **ar̄seetaír** (*CNH* 304:2, etc.), que Aquilué e Velaza (2001, p. 284) não invocaram, implica só por si a identificação do NL **ar̄se** (Untermann, 1992, p. 25) em detrimento de **ar̄ses*. Também convirá ter em consideração que os gentílicos greco-latinos correspondentes, ao não conterem qualquer sibilante, dificilmente poderiam derivar dos supostos NNL **ar̄ses*, **aušes*, **ildirges*, **undiges* e **sedeis*. A equivalência entre **laiešcen** e *Laetani* parece constituir uma exceção a esta regra. Importa, contudo, não esquecer que **laiešcen** apresenta uma diferente sibilante, decorrendo desta circunstância a possibilidade de este gentílico provir de **laier* (> **laieršcen*) (Faria, 2002b, p. 236).

A nossa interpretação do sufixo **-ar-** em **bilbiliars** segue de muito perto a que Pérez Orozco (1993b, p. 224-225) forneceu para **-ar̄-**. Segmentando-se **bilbiliars** em **bilbili-ar-s**, cada componente deverá corresponder sucessivamente a NL + demonstrativo + formante étnico (= Bilbili-este-tano). Fica deste modo definida a *origo* de **abuloraun**, distinta da de **ligine** (que, pela inscrição E.7.1, sabemos ser osicerdense) (Faria, 2000a, p. 122-124, 2001, p. 95). Importa, no entanto, deixar bem explícito que contra esta interpretação depõe o facto de, num total de 21 casos arrolados por Untermann (*MLHIII* 1, p. 158-159; Faria, 1994a, p. 65), só em **[s]cerbin-ar-Yi** (B.1.44), **eba-ar-en** (G.16.2) e **anCisa-ar-en** (H.9.1) é que nos deparamos com o mesmo signo de vibrante. É obvio que o predomínio de **-ar̄-** sobre **-ar-** fragiliza significativamente — mas não anula por completo — a nossa proposta de tradução de **bilbiliars**. Chegámos também a postular, sobretudo com base em Untermann (1993-1994, p. 128), a correspondência de **bilbili-ars** com *Bilbili-tanus* (Faria, 2000a, p. 124), mas parece-nos agora mais plausível a interpretação que expusemos

supra, partindo das sugestões avançadas por Pérez Orozco. Importa reconhecer que também Silgo (1993, p. 286) já havia encarado **ars** (em **bilbiliars**) como indicativo de origem.

Rodríguez Ramos (1999-2000 [2001]) foi um dos muitos investigadores que introduziu uma cesura a meio de **abuloraune**, não conferindo especial importância à inequívoca pontuação presente na inscrição onde este NP está atestado. Efectivamente, nesta ocasião, o referido linguista não terá prestado grande atenção ao facto de que “es arriesgado o incluso absurdo realizar correcciones indiscriminadas sobre lo que realmente pone el texto” (Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 44). Agora, seguindo o caminho traçado (mas depois abandonado) por Javier de Hoz (1995a, p. 278), Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 44), genuinamente convencido de que a pontuação não é para ter em conta numa inscrição bem planeada como é um texto musivo, repetiu o procedimento ao seccionar **bilbiliars** em duas unidades lexicais: **bilbili** e **ars** (Rodríguez Ramos, 2002c, p. 252). Tal como De Hoz (1995a, p. 278), também Rodríguez Ramos atribuiu ao alegado apelativo **ars** um significado correspondente a ‘castelo’ ou ‘fortaleza’ (Rodríguez Ramos, 2002c, p. 252). Além de, como vimos, ter relegado para segundo plano a pontuação que separa todos os vocábulos integrantes da inscrição musiva de *Andelo*, Rodríguez Ramos não se terá dado conta de um facto inquestionável: **ar̄s**, que serve de base ao famoso NL **ar̄se**, não é confundível com **ars** (Silgo, 1988, p. 68, 1993, p. 285, n. 24; Faria, 1995b, p. 80), já que as legendas **ar̄se(etār)** e **arsbigis** partilham a mesma face de uma só moeda (CNH 304:2). A preocupação em distinguir as duas vibrantes, bem patente neste caso, retira toda a legitimidade à aproximação de **ar̄s-e** a **bilbili-ars** ou a quaisquer NNP que principiêm por **ars**. O que temos nas dracmas de **ar̄se** corresponde a um claríssimo caso de contraste fonológico, que abana fortemente os alicerces do edifício construído sobretudo por Untermann em torno de um número reduzido de elementos antroponímicos ibéricos rodeados por inúmeras variantes gráficas (de cariz cronológico, diatópico, etc.). Cabe referir que, nos artigos que publicámos sobre onomástica ibérica, temo-nos esforçado por manter a prudência recomendada por José Antonio Correa (1993, p. 331) na individualização de elementos antroponímicos numa língua cuja decifração ainda mal começou. É certo que nem sempre o conseguimos, designadamente quando tratámos como um só os elementos onomásticos **gēs** e **gīs** (Faria, 2002a, p. 130). Convém, em todo o caso, reconhecer que se trata de uma excepção à regra. Era este o alerta lançado pelo Professor Correa (1993, p. 331), ao comentar o repertório antroponímico ibérico publicado nos *MLH* III 1: “[a]simismo convendría no haber mezclado en una misma lista elementos antroponímicos que, aun siendo parecidos, no son iguales. Esto en algún caso permitiría ver su distribución: **tiker̄** aparece en las zonas B y C, mientras que **tiker** lo hace en las zonas F y G, si se tiene en cuenta lo dicho sobre la transcripción de las vibrantes en el sistema meridional. Así tampoco es seguro ni mucho menos que las siguientes formas sean meras variantes de un mismo elemento: **iskēr̄**, **iske** (no está documentado **isker**), **ēskēr̄**, **esker**, **ēsker**, **eskēr̄**, **iskar̄**, **(i)skar**, **(i)skar̄**.” É evidente que nada disto poderia ser subscrito por Rodríguez Ramos.

Já que aludimos a **arsbigis**, convirá assinalar que Rodríguez Ramos (2002c, p. 246, 2002a [2003a], p. 46) transliterou erradamente este NP como **ar̄sbigis**, aponto-lhe, para mais, no lugar de **-Te**, o (aqui) inexistente sufixo **-cu** (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 46). Distintos serão os casos dos NNP **ar̄sgoro** (*MLH* III 1, p. 211; Faria, 1997a, p. 106), **ar̄scobor** (Guérin e Silgo, 1996, p. 204, Faria, 1997a, p. 106, 2002a, p. 135) e **ar̄sboildir** (Silgo e Tolosa, 2000, p. 41; Faria, 2002a, p. 127), os únicos que admitem ser cotejados com **ar̄se**. **ar̄sgoro** é outro dos NNP deficientemente transliterados por Rodríguez Ramos (2002c, p. 246), que o transcreve como **ars-coro** (apresenta a primeira vibrante errada). Alguns dos NNP iniciados por **ars**, na nossa perspectiva indevidamente compilados por Rodríguez Ramos (2002c, p. 246) (como acabámos de

verificar, nada devem ter que ver com o NL **arſe**) — **arsabaſ**, **arsbigis** e **erscon** (na presunção, quanto a nós improvável, de que **ers** é variante de **ars**) — tinham sido por nós identificados como ibéricos há quase uma década (**arsabaſ**: Faria, 1994b, p. 39, n.º 52, 1995b, p. 80, 1996a, p. 153; **arsbigis**: Faria, 1994b, p. 40, n.º 53, 1995b, p. 80, 2000a, p. 127-128, 2001, p. 96-97; **erscon**: Faria, 1994a, p. 70, 1999, p. 155, 2001, p. 103, 2002a, p. 134). Rodríguez Ramos (2002c, p. 246-247) não forneceu esta informação.

Não corresponde de modo nenhum à verdade a asserção de Rodríguez Ramos, segundo a qual **arſCitaŕ** é “considerado de forma unânime como antropónimo” (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 41). A unanimidade é, desde logo, desfeita por Untermann, que não recolhe **arſCitaŕ** em nenhuma das versões do repertório antroponímico ibérico (Untermann, 1987, *MLH* III 1, p. 209-238). Admitimos que haja alguns, poucos, investigadores que interpretem aquela sequência desta maneira, mas Rodríguez Ramos não mencionou nenhum. A verdade, porém, é que foi precisamente Rodríguez Ramos (2002c, p. 246, n. 3) o último (o único?) a defender uma tal interpretação, transformando por lapso o dito sintagma em **arſCitaŕ**: “[a]t present I feel that the proper reading is *arſkitaŕ* [**arſCitaŕ**, na nossa transliteração]”. Tanto quanto sabemos, até hoje, ninguém tinha contemplado a possibilidade de **arſCitaŕ** ostentar distintos signos de vibrante.

No tocante à legenda monetária **sesaŕs**, cremos que a mesma deve ser segmentada em **ses-arſ-s**. **ses** documenta-se em **eiCesabiur** (Faria, 2002a, p. 128), enquanto **arſ** integra **arſdigan** e **uſtalarilun** (Faria, 1994a, p. 69, 1999, p. 153, 2002a, p. 127), podendo igualmente fazer parte dos NNP AIDAR/AIDVAR (Faria, 2000a, p. 125), ARBISCAR (Faria, 2000a, p. 126), LVNT<I>BELSAR (Sáenz de Buruaga e Sáenz de Urturi, 1994, p. 70; Faria, 1997a, p. 108) — NP que lemos erradamente como IVNT<I>BELSAR (Faria, 1997a, p. 108, 2003, p. 215) —, LVSPANAR (TSall) e **[s]elgiberaŕ** (Faria, 1999, p. 156), assim como dos NNL *Baesaro* (Plin. *nat.* 3.15) (Correa, 2002a, p. 135; v. *infra*) e *Artigi* (Correa, 2002a, p. 135). Nem **ses** nem **arſ** ocorrem nas listas de componentes antroponímicos confeccionadas por Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261, 2002a [2003a], p. 48).

bolſcen. Moedas. **bolſce* (Huesca). *CNH* 211:1-15.

À bibliografia produzida por Rodríguez Ramos a propósito desta legenda e de **segeiða** (Faria, 2003, p. 218-219) há que acrescentar agora uma nota (Rodríguez Ramos, 2002c, p. 248, n. 13), na qual se lê, sem alterações significativas, o que já estava consignado nos textos do mesmo linguista (Rodríguez Ramos, 1997, p. 194, 2000, p. 44, 45, n. 6, 53).

bortolo. Cerâmica. Puig de Sant Andreu (Ullastret, Gerona). *MLH* III 2 C.2.19.

Não podemos deixar, neste caso concreto, de dar a mão à palmatória: “es absurdo considerar **bortoloikebobam** como un único onomástico” (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 23, n. 10). Foi um claríssimo erro da nossa parte incluímos a supracitada sequência lexical no grupo de NNP compostos por mais de dois elementos (Faria, 2002b, p. 127, 2003, p. 215), contrariando a nossa posição inicial, que consistia na individualização do NP **bortolo** (Faria, 1995a, p. 326). Porque Rodríguez Ramos não fornece qualquer bibliografia, convirá referir, a propósito de C.2.19, além dos *MLH* III 1 (p. 236) e 2 (p. 59-60) e do nosso texto de 1995, a análise subscrita por Pérez Orozco (1993b, p. 222), seguida de perto pelo próprio Rodríguez Ramos (2002d, p. 127). Do facto de este autor contemplar a possibilidade de o NL **baitolo** poder ser analisado em **bait-olo** (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 45) poderíamos inferir com inteira legitimidade que é aceitável segmentar **bortolo** em **bort-olo**. Ora, na nossa óptica, a comparação estabelecida por Rodríguez Ramos entre o segundo componente de **baitolo** e **olor** não tem grande consistência, pelo

que as segmentações correctas de **baitolo** e **bortolo** devem ser **bai-tolo** e **bor-tolo**, respectivamente.

Temos igualmente de secundar Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 43, n. 28) na rejeição da leitura **tiecar** numa placa de chumbo procedente de Ampurias publicada por Sanmartí-Grego (1988). Todavia, é pena que o dito investigador não se tenha dado conta de que o vocábulo a que aludíamos não era o terceiro da quarta linha do texto A, mas o primeiro da sétima linha do mesmo texto. Se tivesse sido um pouco mais cuidadoso, estamos convencidos de que Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 43, n. 28) não nos teria intempestivamente acusado da invenção de signos inexistentes...

Seja como for, **tiecar**, transliteração da autoria de Sanmartí-Grego (1988, p. 98, 104), e por nós erradamente adoptada (Faria, 1997a, p. 111), deve dar lugar a **tigicaa**, pelo que a leitura de Untermann (1996, p. 87) — **tincar** — não nos parece, tão-pouco, aceitável.

Caisuŕarbitan. Placa de chumbo (San Miguel de Liria. Liria, Valência). *MLH III 2 F.13.2.*

É mérito de Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 23) ter reabilitado **Caisuŕarbitan** como a forma completa do NP em análise, o que fará do mesmo um trimembre. Em todo o caso, já havia sido essa a nossa interpretação (Faria, 1992-1993, p. 278), a qual, de resto, permitiu o uso do mesmo como *comparandum* para outro presumível NP trimembre, **šntarlabitan** (*sic*) (Fletcher e Bonet, 1991-1992, p. 146-147) (Faria, 1992-1993, p. 278, 1994a, p. 70, 1999, p. 154, 2003, p. 223; Correa, 1999, p. 379), que foi objecto de transliterações incorrectas tanto por parte de Untermann (1996, p. 101: **šutarlabisn**) como por parte de Rodríguez Ramos (2002b [2003b], p. 240: **sntarlabitan**). Também a identificação da presumível palavra **basbidurbaŕtin** (Fletcher e Bonet, 1991-1992, p. 146-147) com *basbidirbaŕtin*, que ocorre em G.1.1 (*MLH III 1*, p. 184), é da nossa autoria (Faria, 1992-1993, p. 278), facto que Rodríguez Ramos (2002b [2003b], p. 232) omitiu.

coberon. Placa de chumbo. La Bastida de les Alcuses (Mogente, Valência). *MLH III 2 G.7.2.*

Este NP foi primeiramente lido por nós (Faria, 1998b, p. 236), alguns anos antes que Rodríguez Ramos (2002b [2003b], p. 232, 233) publicasse esta mesma transliteração. A presença neste NP do elemento onomástico **con** foi por nós sugerida na mesma ocasião (Faria, 1998b, p. 236), tendo a apresentação de tal proposta sido omitida por Rodríguez Ramos (2002b [2003b], p. 232, 233).

ebir. Vaso de cerâmica (cálato). San Miguel de Liria (Valência). *MLH III 2 F.13.3.6.*

Considerando que o vocábulo em análise é seguido do sufixo **-Te** e da presumível forma verbal **egiaŕ**, não há outra solução senão ver no mesmo um NP (*contra*, *MLH III 1*, p. 186). Curiosamente, vamos reencontrar o NP **ebir** pintado no bordo de um outro vaso de Liria (F.13.4) (*MLH III 2*, p. 449), desta vez integrando uma fórmula mais complexa, da qual faz também parte o NP **šalaicu** (decerto segmentável em **šalai-cu**): **ebir-Ci # šalaicu-Ci-Te # egial**. Importa sublinhar que a nossa proposta de transliteração radica numa observação, tão atenta quanto possível, da excelente foto incluída na monografia de Fletcher (1985, p. 92, lám. II), realizada numa época em que a inscrição se lia com grande facilidade. Bem menos nítidas são as fotos inseridas em *MLH III 2* (p. 447-448), em grande parte mercê da prolongada degradação a que terá estado sujeito o suporte cerâmico antes de aquelas terem sido realizadas, não podendo, por outro lado, ser dado grande crédito ao desenho que as acompanha. Compare-se, a título de exemplo, o quarto signo do NP **šalaicu** (Fletcher, 1985, p. 92, lám. II) com o respectivo desenho, que induz Untermann a optar pela sua transliteração como **e**. Esta, do nosso ponto de vista, está longe de se justificar, sobretudo se levarmos em conta a inequívoca existência do elemento onomástico ibérico

śalai (v., por último, Faria, 2002b, p. 239, com bibliografia anterior). Silgo (2000, p. 287) prefere ler **śalei**, não deixando de o assimilar ao elemento **śalai**. As razões de ordem paleográfica acima enunciadas, além do presumível contexto antroponímico em que se insere o mencionado signo, são, porém, suficientemente fortes para pôr em causa a transliteração do mesmo como **e**.

O segmento nominal que sucede a **śalai**, talvez variante do sufixo hipocorístico **-co**, de maior disseminação (Campmajó e Untermann, 1990, p. 73, 1993, p. 509), faz igualmente parte de **belencu** (Campmajó e Untermann, 1993, p. 508-509; Silgo, 1994, p. 76; Faria, 2002a, p. 135), NACHV (Manière e Odon, 2002, p. 327), **neselducu** (A.100. -8, -9) (Faria, 1991b, p. 16, 1994b, p. 49-50, n.º 261, 1995b, p. 83-84, 2000a, p. 137, 2000b, p. 63, 65, 2002a, p. 133, 135) e **tolocu** (Faria, 1997a, p. 111, 2002a, p. 135). Provavelmente, tanto **talscubilos** (B.1.29) (Faria, 1998b, p. 236) como **abařcubor** (Faria, 1994a, p. 66, 1997a, p. 106, 2002a, p. 135) são NNP trimembres que avalizam o formante **cun**, reproduzido em **sinecunsir** (Faria, 1997a, p. 106, 2000a, p. 123), depois da perda de nasal ante oclusiva, que é, na maior parte das vezes (mas não em todas), bilabial (Quintanilla, 1998, p. 200-201; Faria, 2002b, p. 234). A mesma explicação serve para **con** e para **bon** quando ocorrem na primeira ou na segunda posição de compostos onomásticos (neste último caso, em NNP trimembres) (Faria, 1998b, p. 236). Excepto em **arsboildir** (Silgo e Tolosa, 2000, p. 41; Faria, 2000a, p. 122, 2002a, p. 127), quer **co** quer **bo** figuram sempre antes de silabograma de bilabial, posição esta que parece indiciar uma elisão de nasal resultante de assimilação. No entanto, os casos em que se verifica a queda de nasal antes de oclusiva velar ou dental podem dar a entender que a perda de nasal ante bilabial talvez não se deva sempre a assimilação.

Não enjeitamos a eventualidade de que **śalaicu** constitua o patronímico de **ebir**, face aos casos análogos identificados por Rodríguez Ramos (2001b, p. 65, n. 6, 2002d, p. 124) no chumbo de Ullastret (C.2.3).

A sequência sufixal **-CiTe** posposta a **śalaicu** é, com grande verosimilhança, a mesma que sucede a **celse** em E.4.2 e a **celsen** em E.4.3 (*MLH* III 2, p. 449).

Voltando a **ebir**, são grandes as probabilidades de este NP identificar um só indivíduo, que terá participado no fabrico ou na decoração dos vasos F.13.3 e F.13.4. **ebir** não faz parte dos formantes antroponímicos ibéricos reunidos por Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261, 2002a [2003a], p. 48).

eiārcidita[lls]. Pega de testo. Illeta dels Banyets (El Campello, Alacant). Olcina, 2001, p. 32.

eiārcidita[lls] é um NP ibérico trimembre (Faria, 2002a, p. 128), que abona pela sexta vez a existência do formante ibérico **tals**. Não obstante, Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261, 262, 2002a [2003a], p. 21-24) prefere juntar-lhe **cu**, votando irremediavelmente ao esquecimento, além de **eiārcidita[lls]**, TALSEIAE (dat.) (Gorrochategui, 1984, p. 276-277, n.º 350) e TAVTINDALS (TSall), os dois outros NNP que atestam sem margem para dúvidas que **tals** é um elemento onomástico autónomo (Faria, 2002a, p. 128).

Ελευρας. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 39, fig. 14.

Do nosso ponto de vista, aqui, Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 44) cometeu dois erros, sendo o segundo decorrente do primeiro: ao ler, tal como vários outros investigadores, em especial Javier de Hoz, Βλευρας em vez de Ελευρας (Faria, 2001, p. 99-100, com bibliografia anterior), e ao preconizar que Βλευρας consistiria na helenização de **balarbaś**. Não seria o autor do documento capaz de escrever algo como *Βαλαρυας, caso fosse essa a sua intenção?

Γολο[ν]βιυρ. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53.

Salvo erro, fomos nós quem, pela primeira vez, comparou Γολο[-] com **golon** (A.100-12.), comparação que nos permitiu restituir com grande verosimilhança o signo final do primeiro componente do NP em apreço (Faria, 1991a, p. 192, 1995b, p. 82, 2000a, p. 132, 2001, p. 99-100). Nada disto foi referido por Rodríguez Ramos (2002b [2003b], p. 233), que omitiu a bibliografia citada.

ildicira. Moedas. **ildi(r)cira*/**ilduřcira* (Orcera, Jaén?). CNH 356:1-2.

Depois de tudo o que se escreveu sobre esta legenda monetária a seguir à publicação do primeiro volume dos *MLH* (De Hoz, 1980, p. 305; Faria, 1991a, p. 192, 1991b, p. 16, 1995b, p. 82, 1997a, p. 108, 110, 1999, p. 155, 2000a, p. 132-133, 2000b, p. 63, 2001, p. 100-101, 2003, p. 220-222), não podemos deixar de estranhar o facto de Javier de Hoz se lhe referir como “leyenda no plenamente descifrada, habitualmente leída *iltiraka*” (De Hoz, 2002b, p. 215) ou como “la incierta ceca habitual aunque impropriamente denominada *iltiraka*” (De Hoz, 2002b, p. 216). Estamos convencidos de que a bibliografia disponível podia ter permitido ao Professor De Hoz ir um pouco mais longe no aprofundamento desta questão.

ILVCRO(...). Lingotes de chumbo. Coto Fortuna (Mazarrón, Murcia). Tovar, 1989, p. 164; Domergue, 1990, p. 256-257, 259-260, 269.

Recentemente, a proposta de desdobramento de ILVCRO(...) em ILVCRO(*censis*) foi apresentada praticamente em simultâneo tanto por González Fernández (2002, p. 615-618) como por nós (Faria, 2001, p. 100). Seja qual for o desdobramento correcto, ILVCRO(...) abrevia um NL ibérico (conquanto latinizado) que apresenta como primeiro componente o bem conhecido elemento onomástico **ildu(ř/n)**. González Fernández (2002, p. 618) forneceu uma lista de NNL que contêm aquele elemento, mas, infelizmente, a sua utilidade é escassa, já que se encontra eivada de inexactidões de diversa ordem.

laurberřton. Placas de chumbo. Pico de los Ajos (Yátova, Valência). *MLH* III 2 F.20.1, .2, .3.

Num dos seus últimos artigos, Javier Velaza (2002, p. 273, n. 7) resolveu por fim reconhecer a possibilidade de os NNP ibéricos **bodotaś** (De Hoz, 1983, p. 49; Faria, 1990-1991, p. 85, 1994a, p. 67, 1995b, p. 81, 1998b, p. 239, 2001, p. 96), **celtibelesś** (De Hoz, 1981, p. 483; Faria, 1990-1991, p. 86, 1994a, p. 67, 1997a, p. 110, 1998b, p. 234, 2001, p. 96, 2002a, p. 123; Silgo, 1994, p. 106) e **laurberřton** (De Hoz, 1981, p. 483; Faria, 1990-1991, p. 86, 1994a, p. 67, 2000a, p. 135-136, 2001, p. 96) serem efectivamente NNP. Só faltaram as citações bibliográficas correspondentes. Vale a pena recordar que **berřton** encontra um só — e intrigante — paralelo no paleobasco CORMERTONIS (gen.) (Faria, 2000a, p. 136), NP que poderia talvez ter merecido a atenção de Joaquín Gorrochategui (1984).

neselducu. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 344:17-25.

Noutra oportunidade (Faria, 2002a, p. 133), chamámos a atenção para a postura demasiadamente céptica em que José Antonio Correa (2001, p. 312) se colocou, ao achar que o iberismo de **neselducu** (por ele transliterado como **neseltuko**) “no es demostrable”. Em todo o caso, cabe recordar que não era esta a opinião do referido filólogo dois anos antes, quando trouxe **neselducu** (**neseltuko**) à colação com vista a exemplificar o emprego na língua ibérica da sequência *ne-* (Correa, 1999, p. 380).

ocanaca. Chumbo monetiforme (moeda?). **Ocanaca* (localização indeterminada). Casariego, Cores e Pliego, 1987, p. 4, n.ºs 3 e 4.

Em conformidade com a ordem de preferência acertadamente estabelecida por Correa (2002a, p. 134) — prioridade concedida ao testemunho epigráfico ou numismático sobre o literário e ao latino sobre o grego —, Κόνακα (Ptol. 2.4.10) (Correa, 2002a, p. 134) deve dar lugar a **ocanaca** (Faria, 1996b, p. 229, 1999, p. 156, 2003, p. 224).

odac(i)is. Moedas. *Obulco*. CNH 342:9.

Este NP, considerado NL por Rodríguez Ramos (2002b [2003b], p. 236, n. 13), surge de novo como **otatiis** (por **otatiis?**), agora em razão da alegada redundância do grafema de velar. É, para nós, factor de grande estranheza a prioridade que se outorga a um fenómeno de contornos ainda mal definidos, apesar dos esforços empreendidos por J. A. Correa (1983, *passim*; v. igualmente Faria, 1990-1991, p. 79-80, 1991b, p. 15, 1992, p. 45), sobre o diáfano paralelo que constitui ODA-CIS (Faria, 1992, p. 43, 1994b, p. 51, n.ºs 283, 287, 1995b, p. 84, 2000a, p. 138), já para não falar da configuração do próprio signo, que é insusceptível de se confundir com **ti** (De Hoz, 1980, p. 314; Faria, 1992, p. 43, 1995b, p. 84, 2000a, p. 138).

olcairun. Moedas. **olcairun** (localização indeterminada). CNH 260:1-2.

Posta de parte, por inverosímil num documento oficial, uma metátese de **orcailun*, a única maneira de escaparmos a uma segmentação deste NL em **olca-irun** — deveras problemática, dada a presença de uma vibrante onde seria de esperar uma lateral (Gorrochategui, 1987, p. 438) — consiste em identificar no mesmo três componentes: **ol-cair-un**. **ol** repetir-se-ia em [O?]LSAILACOS, ao passo que **cair** ocorreria em **cebelcaira** (F.20.1). **un**, por seu lado, deveria identificar-se com o sufixo toponímico que se documenta numerosas vezes na onomástica medieval (Orpustan, 1999, p. 252-254). É evidente que tudo isto não deixa de ser bastante hipotético. Em todo o caso, a segmentação em **olca-irun** (Tovar, 1979, p. 473) é caucionada pelo confronto deste NL com *Gracc(h)ur(r)i(s)* < **Gracchu-uri*, porquanto nenhum significado verosímil pode ser atribuído a **Graco-gurris*, na eventualidade, algo remota, de ser esta a análise correcta (Gorrochategui, 1987, p. 439, 1995, p. 191, n. 26).

OQVR(*i*). Moeda. *Ocuri/Oquri* (Ubrique, Cádiz). CNH 125:5.

No catálogo de NNL da Bética recentemente elaborado pelo Professor José Antonio Correa, são levantadas algumas dúvidas a propósito da forma originária do NL em questão (Correa, 2002a, p. 156 e n. 29). Todavia, tanto o gentílico dele derivado — OCVRITANORVM (gen. pl.) — como a provável etimologia (que não podemos deixar de considerar ibérica) do mesmo — **oco-uri* (Faria, 1995a, p. 326, 327) — levam-nos a acreditar que a legenda monetária OQVR está por OQVR(*i*) (Faria, 1994c, p. 124, 1999, p. 156). De resto, se, para Correa (2002b, p. 705), “[n]o se ve por qué va a ser arbitrario suponer *Aratispí* para el documentado *Aratispitanus*”, não nos parece que seja excessiva ousadia encontrar em OQVR(*i*)/**Ocuri* a origem de OCVRITANORVM. Mais discutível será seguramente a decisão de remeter ANDVRENSIS para **Andura* (Correa, 2002a, p. 135): por que não procurar a origem daquele gentílico em **Andur*, assimilando a terminação deste último à de OSTVR (Correa, 2002a, p. 156, n. 29) ou à de **gaidur** (García-Bellido, 2001)?

O Professor Correa inclui ainda no supracitado catálogo determinadas formas toponímicas que nos suscitam os seguintes comentários:

- A cidade a que Plínio (*nat.* 3.15) chama *Baesaro* (Correa, 2002a, p. 135) está também documentada numa inscrição: CIVITATE BAESARENSI (abl.) (Bonneville, Dardaine e Le Roux, 1988, p. 38, n. 7; Faria, 1993a, p. 145). A opção por este adjectivo étnico em detrimento de **Baesaronensi* faz-nos suspeitar de que o NL ibérico a ele subjacente deverá ter sido **baisar* (**bais-ar*), **baisar* (**bais-ar*), **baisar* (**bai-sar*) ou **baisar* (**bais-ar*) (Faria, 2002a, p. 127), pelo que *Baesaro* poderá não ser mais do que o resultado da adaptação do dito NL à flexão nominal latina de tema em consoante.
- Os NNL pré-romanos de que derivam CALLET (Correa, 2002a, p. 135), OS(S)ET (Correa, 2002a, p. 135) e SABETANVS (Correa, 2002a, p. 136) (e não **SABETANVS*) deverão ser respectivamente **Calle*, **Ose* e **Sabe* (ou mesmo *Sabe*) (Jacob, 1986, *passim*; Faria, 1987, p. 25-26, 1988, p. 7-8, 1993b, p. 131, 1998c, p. 258). Cabe, inclusive, a possibilidade de CALLET e OS(S)ET, em vez de abreviarem gentílicos — CALLET(*anus/anum/ani*), OS(S)ET(*anus/anum/ani*) —, configurarem formas latinizadas de ambos os NNL: CALLET(*um*) e O(S)SET(*um*).
- Cremos que o NL CILPE (Correa, 2002a, p. 135) não é mais do que uma leitura incompleta da legenda monetária CILPES, que alterna com CILBE, CILBES, CILPIS e CILIP(?). Por outro lado, este NL pré-romano não deve identificar nenhuma cidade bética, estando com toda a certeza na origem do nome da actual cidade algarvia de Silves (Faria, 1997b, p. 363-364, 1998d, p. 124, 2000a, p. 134-135; Marinho, 1998, p. 24-25, 27; Barceló, 2002, p. 495, 502, 507).
- A legenda monetária que Correa (2002a, p. 135) lê como CVNBARIA deverá ler-se como CV'NV'BARIA (Tovar, 1974, p. 148).
- É praticamente certo que *Oningi*/**Onigi* (Correa, 2002a, p. 136, 2002b, p. 705) remete para **Vningi* ou para **Auningi* (Faria, 2002a, p. 123).
- Seria muito improvável (mas não impossível) que *Ilipula Laus*, NL atestado exclusivamente em Plínio (*nat.* 3.10) (Correa, 2002a, p. 136), não fosse um erro, considerando que há uma ceca na *Vlterior* designada por ILIPV(*la*) HALOS (Thouvenot, 1940, p. 194).

otobescen. Moedas. **otobes*/*Otobesa*. MLHI A.23; CNH 228:1.

Segundo Javier de Hoz (2002a, p. 164), **otobescen** constitui uma haplogogia de **otobescen*. Já vimos, no entanto, que não há nenhum motivo passível de sustentar a existência de um complexo de sufixos **-escen** em detrimento de **-scen**, sendo esta a única sequência inequivocamente abonada na documentação disponível (MLH III 1, p. 175; Pérez Orozco, 1993b, p. 225-226; Correa, 1994, p. 270; Faria, 2002b, p. 234; v. *supra*, s.u. **bilbiliars**). Deste modo, afigura-se-nos mais prudente concluir que **otobescen** resulta de **otobescen* (Faria, 1995a, p. 327, 328). De Hoz (2002a, p. 164) chegou mesmo a sugerir que **otobescen** pudesse remeter para **otobescen*, mas não nos parece razoável fazer tábua rasa dos numerosos paralelos existentes para o segmento onomástico **bes** (Faria, 1995a, p. 327, 328, 2000a, p. 122, 126, 2002a, p. 126, 2003, p. 215). Dissentindo outra vez de Javier de Hoz (2002a, p. 164), tão-pouco **laiescen** (CNH191:1-11) deverá provir de **laiescen*, mas de **laiescen* ou mesmo de **laiercen* (Faria, 2002b, p. 236).

]RESVNIN. Placa de mármore. Sagunto (Valência). *IRSAT* 152.

É possível admitir, dado o estado fragmentário em que se encontrava a lápide (hoje desaparecida) no momento em que foi desenhada, que]RESVNIN não corresponda ao *cognomen* do [COR]NELIVS mencionado na (actual?) primeira linha, sobretudo se atendermos ao pressuposto de que **unin** faz exclusivamente parte de NNP identificadores de indivíduos do sexo feminino (*MLHIII* 1, p. 205). Seja como for, na eventualidade de [V?]RESVNIN ser o NP a restituir, o mesmo deverá corresponder a **ureśunin* (Faria, 1995a, p. 329, 2000a, p. 141, 2002b, p. 238-239) ou a **ñYreśunin*/**Yreśunin*, correspondência esta que não é admitida nem por Corell e Gómez Font nem pelos autores que eles citam (*IRSAT*, p. 251 e n. 192). Estes epigrafistas, ao apresentarem [CA?]RESVNIN em alternativa a [V?]RESVNIN, excluíram [GA?]RESVNIN (Faria, 2002b, p. 237-238) como hipótese de restituição, quando **gareśor** (< **gares-śor*) (Faria, 1997a, p. 107: **Cares-śor*), NP gravado na placa de chumbo de Ensérune (Solier e Barbouteau, 1988, p. 77), indica que a oclusiva com que se inicia **Cares** (Faria, 1990-1991, p. 86, 1991a, p. 190, 1997a, p. 107, 2000a, p. 130, 2002b, p. 237) é uma velar sonora. Refira-se, a propósito de **gareśor**, que o segundo componente deste NP, também reproduzido em **lecarśor** (Faria, 2002a, p. 133), não se encontra recolhido nos repertórios de Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261, 2002a [2003a], p. 48), o mesmo sucedendo, de resto, com **lecar**.

Faltarão ainda assinalar que a equiparação entre **Ylbe-** e NALBE- (De Hoz, 1983, p. 31) — elemento também testemunhado no chumbo grego de Pech Maho (Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 54) — deixa entrever a possibilidade, até hoje não atendida, de [NA?]RESVNIN constituir a restituição adequada.

SACAL(...). Moedas. *Castulo* (Cazlona, Linares, Jaén). *CNH* 332:14.

Há alguns anos, era este o nosso parecer sobre o NP em apreço: “SACAL (...) constituiria assim um outro NP autónomo, talvez igualmente abreviado (...), devendo o eventual segundo componente começar por uma lateral que assimilaria a vibrante de **sacar** (...)” (Faria, 1994b, p. 46, n.º 193). Foi esta frase que, com ligeiras diferenças, repetimos sete anos volvidos (Faria, 2001, p. 102). Ao tratar do mesmo assunto, Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 33) omitiu ambos os trabalhos.

Σεδεγων. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53.

Já em 1999, escrevíamos que “[o] primeiro componente de Σεδεγων é claramente o mesmo que forma a base do “etnónimo” **sedeiscen** = SEDETANI (Faria, 1994[a], p. 70 [...])” (Faria, 1999, p. 103). Nenhum destes nossos textos surge citado por Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 39), que declara que “la coherencia con el tribónimo ‘sedetani’ permitía analizarlo como un antropónimo SEDE-**kon**.”

segitecer. Prato de prata. Vallejo de las Viñas (Abengibre, Albacete). *MLH* III 2 G.16.1.

Aparentemente, trata-se de um NP identificado por Rodríguez Ramos (2002b [2003b], p. 233, 236). Nada mais errado, porém, já que Rodríguez Ramos omitiu a bibliografia anterior (Faria, 1990-1991, p. 75, 87, 1991b, p. 190, 1994a, p. 68, 1995a, p. 327; v. agora, também, Faria, 2003, p. 226).

sirbaiser. Tésseras/moedas de chumbo. Ceca indeterminada. Casariego, Cores e Pliego, 1987, p. 149.

Jamais duvidámos da capacidade de previsão de Jesús Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261, 263, 264), assente num estudo estatístico de qualidade indiscutível, no que dizia respeito à possibilidade de vir a aparecer um NP ibérico iniciado por **sir**. Em boa verdade, devíamos ter dado devida conta de tal predição (Faria, 2002a, p. 136), e por essa omissão involuntária pedimos desculpa ao investigador em questão. Não deixa de ser curioso, no entanto, recordar que, já depois de realizar a análise estatística, Rodríguez Ramos (2001a, p. 15) chegou a pôr em causa o valor de **sir** como componente onomástico: [c]abe preguntarse si el elemento **sir**, con cuatro ocurrencias, es realmente un B o bien si responde a outro criterio morfológico, ya que la mayoría de inicios en oclusiva es más coherente”. Ou seja: algum tempo depois de ter contemplado a eventualidade de haver compostos de tipo onomástico iniciados por **sir**, o próprio Rodríguez Ramos deixou completamente de equacionar tal possibilidade. O abandono desta hipótese é corroborado logo a seguir, quando afirma: [e]sto no se debe a su posición segunda, dado que los AB en dicha posición sí pueden presentar inicio vocálico o en consonante no oclusiva” (Rodríguez Ramos, 2001a, p. 15). Por outras palavras: se bem o entendemos, o autor não admite nenhuma abertura para a hipótese de **sir** integrar o conjunto AB. Em todo o caso, esta alteração de perspectiva não nos dispensaria de citar a previsão a que aludimos, estatisticamente fundamentada.

Seja como for, a verdade, porém, é que, bem antes do supracitado estudo de Rodríguez Ramos (2001a), já estava atestada a existência não só de **sirbaiser** (Casariego, Cores e Pliego, 1987, p. 149; Faria, 1990-1991, p. 88, 1991a, p. 190, 1994a, p. 70) mas também de SIR[A]STEIVN < **sir-aste-iun* (Faria, 1997, p. 110, com bibliografia anterior) e, porventura, de **sirdican** (Faria, 1994a, p. 70, 1995b, p. 85), presente numa inscrição que, além das duas que foram mencionadas por Rodríguez Ramos (2002d, p. 133), conheceu outras tantas edições (Faria, 1992-1993, p. 277; Velaza, 1996b, p. 317-318). Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 20) continua sem se pronunciar sobre estes dois últimos testemunhos, mas não divulga as razões do seu silêncio.

Temos, pois, de concluir que os dados que já se encontravam publicados em 2000 não correspondem aos “datos disponibles” referidos por Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 20, n. 5), não podendo uma tal discrepância deixar de ter os seus reflexos na qualidade dos estudos deste autor.

TARTIGAR[---]. Bloco de calcário. Sagunto (Valência). *IRSAT* 104.

Corell e Gómez Font (*IRSAT*, p. 207) são da opinião que estamos perante “un nom indígena, ibèric o celta, per al qual no s’han trobat encara paral·lels”, decorrendo de tal opinião que é aceitável ler TARTIGAP[---] onde está TARTIGAR[---] (Faria, 1999, p. 159, 2000a, p. 139-140). Efectivamente, este NP ibérico bímembre, cujo componente inicial se repete em **tarticeles** (Faria, 1997a, p. 110, 1999, p. 159), jamais poderia conter, em adaptações latinas, uma bilabial surda após vogal, excepto em limite de morfema (Correa, 1994, p. 277), o que não é manifestamente o caso. Tanto TARTIGAR[---] como **tarticeles** exibem o segmento onomástico **tarti(n)**, que Rodríguez Ramos só recolheu na primeira das suas listas (Rodríguez Ramos, 2000 [2001], p. 261), ficando por explicitar as razões que levaram este autor a suprimi-lo do mais recente rol de segmentos onomásticos (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 48).

tibesdar. Placa de chumbo. “Barranco del Rey” (Sierra de Gádor, Almería). *MLH* III 2, H.1.1.

A fim de não enveredarmos por um estilo que não é o nosso, evitaremos abordar a maior parte do teor da n. 2 do já abundantemente citado texto de Rodríguez Ramos (2002a [2003a],

p. 19). Respiremos apenas a parte final da dita nota, que diz assim: “[s]u lectura de S-16 [a identificar com o segundo grafema de **tibesdar**] no ha sido aceptada por nadie y, de hecho, sus posteriores trabajos en onomástica contradicen la argumentación que entonces presentaba Faria, lo que parece no haber notado”. Até prova em contrário, continuamos a sustentar, dado o contexto antroponímico em que ocorre, que é **be** o valor fonético do signo em causa (Faria, 1995a, p. 328, 2000a, p. 140). Relembramos que **tibes** se encontra documentado em **[bi]urtibes** (C.2.4) e em **tibesbir** (C.2.21), a despeito da opinião em contrário manifestada por Rodríguez Ramos (2002b [2003b], p. 242, n. 16). É verdade que uma tal leitura não foi admitida por ninguém, mas não é menos certo que o uso deste tipo de argumentos é pura perda de tempo. Aliás, a situação nem sequer é exactamente aquela que Rodríguez Ramos descreve, pois encontramos uma referência susceptível de ser considerada como uma aprovação (ao menos parcial): “[s]in embargo, desde un punto de vista paleográfico la propuesta de Faria es interesante [...]” (Rodríguez Ramos, 2002b [2003b], p. 242).

urcetegeu. El Amarejo (Bonete, Albacete). Broncano Rodríguez, 1989, p. 95.

O segundo formante deste NP (Faria, 1992-1993, p. 277), que foi lido por Rodríguez Ramos (2002b [2003b], p. 243) como **urceocen** ou **urcescen**, parece repetir-se em *iuntegen* (G.13.1). Além da correcção que seria necessário introduzir para que se pudesse ler **urcescen** no lugar de **urcetegeu**, a extrema modéstia do suporte impede-nos de detectar no vocábulo em análise uma qualquer alusão a um gentílico no plural, putativo reflexo de uma oferenda colectiva (*contra*, Rodríguez Ramos (2002b [2003b], p. 243).

ustainabar. Peso de pedra. Puig Castellar (Santa Coloma de Gramenet, Barcelona). *MLH III 2 C.8.2.*

Há alguns anos, Untermann (*MLH III 1*, p. 209, 231, *MLH III 2*, p. 100) preferia segmentar este NP ibérico em **ustain-abar** (no que foi secundado por De Hoz [1995b, p. 321]) ou em **usta-i-nabar**, opção esta que chegámos a secundar (Faria, 1994a, p. 66). Todavia, a ocorrência, durante a Idade Média, do orónimo *Uçtaiçuarbe* (Iglesias, 2000, p. 168), segmentável em *Uçtai-çuar-be* (Iglesias, 2000, p. 168), contribui de um modo decisivo para demonstrar que o supracitado NP deve ser decomposto em **ustai-nabar** (Silgo, 1994, p. 205, 254). Nem **ustai** nem **nabar** constam dos dois elencos de formantes onomásticos ibéricos organizados por Rodríguez Ramos (2000 [2001], p. 261, 2002a [2003a], p. 48), devido presumivelmente ao facto de, segundo parece, este autor segmentar **ustainabar** em **usta-in-abar** (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 29).

Diversamente do que pretende Isabel Panosa (2002, p. 582), fundada na alternância **Ylbe/nalbe**, que, até ao momento, se encontra por demonstrar (Faria, 1994a, p. 67, 2001, p. 101; Silgo, 1994, p. 205), não está provado que **nabar** seja sinónimo de **Ybar**, porquanto é sabido que, no Bronze de Ascoli, este último componente antroponímico se transcreve como VMAR (Siles, 1985, p. 265; *MLH III 1*, p. 137).

Se, até há cerca de uma década, Jürgen Untermann admitia que **ustainabar** configurava um NP, num dos seus mais recentes trabalhos, o investigador alemão avançou com a hipótese, quanto a nós pouco verosímil, de estarmos perante um apelativo, segmentável em **ustain-abar** (Untermann 2002b, p. 105 e p. 106, n. 27), referente a “una medida de peso garantizada por alguna autoridad” (Untermann, 2002b, p. 105).

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL, J. M. (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- ALLEPUZ MARZÀ, X. (2001) - *Introducció al poblament ibèric a La Plana de l'Arc (Castelló)*. Castelló: Diputació.
- AQUILUÉ, X.; VELAZA, J. (2001) - Nueva inscripción ibérica ampuritana. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, p. 277-289.
- BARCELÓ, C. (2002) - Adaptación arábiga de los topónimos antiguos. In *Congrés Internacional de Toponímia i Onomàstica Catalanes (València, 18-21 d'abril de 2001)*. València: Denes Editorial, p. 489-510.
- BELTRÁN LLORIS, F. (1986) - Epigrafía y onomástica de las Cinco Villas. In *Actas de las I Jornadas de Estudio sobre las Cinco Villas (Ejea, diciembre 1985)*. Zaragoza: Centro de Estudios de las Cinco Villas, p. 53-93.
- BELTRÁN LLORIS, F. (1993a) - Un nuevo antropónimo vasconico en la comarca de las Cinco Villas (Zaragoza). In *Homenatge a Miquel Tarradell*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, p. 843-858.
- BELTRÁN LLORIS, F. (1993b) - La epigrafía como índice de aculturación en el valle medio del Ebro (s. II a.e. - III d.e.). In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 235-272.
- BONNEVILLE, J.-N.; DARDAINE, S.; LE ROUX, P. (1988) - *Belo V: l'épigraphie: les inscriptions romaines de Baelo Claudia*. Madrid: Casa de Velázquez.
- BRONCANO RODRÍGUEZ, S. (1989) - *El depósito votivo ibérico de El Amarejo, Bonete (Albacete)*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- CAMPMAJÓ, P.; UNTERMANN, J. (1990) - Nouvelles découvertes de graffiti ibériques en Cerdagne: les apports de la culture ibérique en Cerdagne - données contradictoires. In *La Romanització del Pirineu: homenatge al Prof. Dr. Miquel Tarradell i Mateu: 8è Col·loqui Internacional d'Arqueologia de Puigcerdà, del 8 a l'11 de desembre de 1988*. Puigcerdà: Institut d'Estudis Ceretans, p. 69-78.
- CAMPMAJÓ, P.; UNTERMANN, J. (1993) - Les influences ibériques dans la Haute Montagne Catalane: le cas de la Cerdagne. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 499-520.
- CASARIEGO, A.; CORES, G.; PLIEGO, F. (1987) - *Catálogo de plomos monetiformes de la Hispania antigua*. Madrid: Artis Traditio.
- CHIC, G. (1985) - *Epigrafía anfórica de la Bética, I: las marcas impresas en el barro sobre ánforas olearias (Dressel 19, 20 e 23)*. Sevilla: Universidad.
- CNH = VILLARONGA, L. (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COMAS, M.; PADRÓS, P.; VELAZA, J. (2001) - Dos nuevas estelas ibéricas de Badalona. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, p. 291-299.
- CORREA, J. A. (1983) - Ibérico: *Caút(i)lo, Ibolc(a)*. Latin: *Castulo, Obulco. Habis*. Sevilla. 14, p. 107-113.
- CORREA, J. A. (1989) - Inscripción vascular indígena hallada en Baeza (Jaén). *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 19, p. 183-189.
- CORREA, J. A. (1992) - Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AIQN*. Napoli. 14, p. 253-291.
- CORREA, J. A. (1993) - [Recensão a] UNTERMANN, J., *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*, Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990, 339 + 661 pp. *Habis*. Sevilla. 24, p. 328-332.
- CORREA, J. A. (1994) - La lengua ibérica. *Revista Española de Lingüística*. Madrid. 24:2, p. 263-287.
- CORREA, J. A. (1999) - Las nasales en ibérico. In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de Marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 375-396.
- CORREA, J. A. (2001) - Las silbantes en ibérico. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M.^a P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 305-318.
- CORREA, J. A. (2002a) - La distribución de las oclusivas orales en la toponimia prerromana de la Bética. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, p. 133-139.
- CORREA, J. A. (2002b) - [Recensão a] F. VILLAR, F., *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania prerromana. Las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*, Salamanca, Publicaciones de la Universidad de Salamanca, 2000, 487 pp. *Habis*. Sevilla. 33, p. 702-706.
- CURA I MORERA, M. (1986) - Els grafitis ibèrics d'Illiberis (Elna, Rosselló). In *Protohistoria catalana: 6è Col·loqui Internacional d'Arqueologia de Puigcerdà, 7-9 de desembre de 1984*. Puigcerdà: Institut d'Estudis Ceretans, p. 203-209.
- DOMERGUE, C. (1990) - *Les mines de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité romaine*. Roma: École Française de Rome.
- FARIA, A. M. de (1987) - Moedas de chumbo, da época romana, cunhadas no actual território português. A propósito do Catálogo de Plomos Monetiformes de la Hispania Antigua. *Numismática*. Lisboa. 47, p. 24-28.
- FARIA, A. M. de (1988) - Algumas considerações a propósito do "Álbum de la antigua colección Sánchez de la Cotera de moneda ibero-romana (Madrid, 1986)". *Numismática*. Lisboa. 48, p. 7-9.

- FARIA, A. M. de (1990-1991) - Antropónimos em inscrições hispánicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, p. 73-88.
- FARIA, A. M. de (1991a) - [Recensão a] UNTERMANN, J., *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*, Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990, 339 + 661 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 187-197.
- FARIA, A. M. de (1991b) - Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 13-22.
- FARIA, A. M. de (1992) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, p. 39-48.
- FARIA, A. M. de (1992-1993) - Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 13-14, p. 277-279.
- FARIA, A. M. de (1993a) - [Recensão a] BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. (1992) - *Roman Provincial Coinage, I: From the Death of Caesar to the Death of Vitellius (44 BC-AD 69)*. London-Paris: British Museum Press - Bibliothèque Nationale. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 140-146.
- FARIA, A. M. de (1993b) - [Recensão a] MARÍN DÍAZ, M. A. (1988) - *Emigración, colonización y municipalización en la Hispania republicana*. Granada: Universidad, 1988, 260 p. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 131-136.
- FARIA, A. M. de (1994a) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 65-71.
- FARIA, A. M. de (1994b) - Nomes de magistrados em moedas hispánicas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15, p. 33-60.
- FARIA, A. M. de (1994c) - [Recensão a] Leandre VILLARONGA, *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*, Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994, XXII + 519 pp. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 121-124.
- FARIA, A. M. de (1995a) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova série. 16, p. 323-330.
- FARIA, A. M. de (1995b) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 79-88.
- FARIA, A. M. de (1996a) - Nomes de magistrados em moedas hispánicas: correcções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 149-187.
- FARIA, A. M. de (1996b) - [Recensão a] TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-29: Lisboa. Sobre la base cartográfica a escala 1:1 del IGN. Emerita-Scallabis-Pax Iulia-Gades. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente-Ministerio de Cultura, 1995, 220 pp + mapa. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 227-234.
- FARIA, A. M. de (1997a) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispánica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 105-114.
- FARIA, A. M. de (1997b) - Moedas da época romana cunhadas no actual território algarvio. In FARIA, A. M. de; BARATA, M. F., eds. - *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, p. 361-371.
- FARIA, A. M. de (1998a) - [Recensão a] Javier VELAZA FRÍAS, *Epigrafia y lengua ibéricas* [Cuadernos de Historia; 16], Madrid: Arco Libros, S. L., 1996, 69 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 37, 1998, p. 267-271.
- FARIA, A. M. de (1998b) - [Recensão a] QUINTANILLA, Alberto - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. 325 p. (Veleia: Revista de Prehistoria, Historia Antigua, Arqueología y Filologías Clásicas. Anejos. Serie Minor; 11). ISBN 84-8373-041-3. *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 1:2, p. 232-240.
- FARIA, A. M. de (1998c) - [Recensão a] RICHARDSON, John S. - *The Romans in Spain*. Oxford: Blackwell, 1998. VII + 341 p. (A History of Spain; 2), ISBN 0.631-17706-X. *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 1:2, p. 257-259.
- FARIA, A. M. de (1998d) - [Recensão a] COLLANTES PÉREZ ARDÁ, E., 1997, *Historia de las cecas de Hispania antigua*. [S.l.]: Arkis, 395 + XLIX pp. *Vipasca*. Aljustrel. 7, p. 123-126.
- FARIA, A. M. de (1999) - Novas notas de onomástica hispánica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 2:1, p. 153-161.
- FARIA, A. M. de (2000a) - Onomástica paleo-hispánica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 3:1, p. 121-151.
- FARIA, A. M. de (2000b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (1). *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 3:2, p. 61-66.
- FARIA, A. M. de (2001) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (2). *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 4:1, p. 95-107.
- FARIA, A. M. de (2002a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (3). *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 5:1, p. 121-146.
- FARIA, A. M. de (2002b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (4). *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 5:2, p. 233-244.
- FARIA, A. M. de (2003) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (5). *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa. 6:1, p. 211-234.
- FLETCHER, D. (1985) - *Textos ibéricos del Museo de Prehistoria de Valencia*. Valencia: Diputación Provincial.
- FLETCHER, D.; BONET, H. (1991-1992) - Bastida VI. Nuevo plomo escrito de la Bastida de Les Alcuses (Mogente, Valencia). *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. 7-8, p. 143-150.
- FLETCHER, D.; SILGO, L. (1991-1993) - Notas sobre un plomo ibérico de procedencia desconocida. *Acta Numismática*. Barcelona. 21-23, p. 89-92.
- GARCÍA-BELLIDO, M.^a P. (2001) - Plomos monetiformes con el topónimo ibérico de Gador. *Palaehispanica*. Zaragoza. 1, p. 335-340.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, R. (2002) - *De situ Ilucro(nis?)*. Algunas consideraciones sobre una explotación minera romana: el Coto Fortuna (Mazarrón, Murcia). In CRESPO ORTIZ DE ZÁRATE, S.; ALONSO ÁVILA, Á., eds. - *Scripta antiqua in honorem Ángel Montenegro Duque et José María Blázquez Martínez*. Valladolid: Santos Crespo Ortiz de Zárate - Ángeles Alonso Ávila, p. 609-619.
- GORROCHATÉGUI, J. (1984) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.

- GORROCHATEGUI, J. (1987) - Situación lingüística de Navarra y sus aledaños en la antigüedad a partir de fuentes epigráficas. In *Primer Congreso General de Historia de Navarra (22-27 Septiembre 1986) 2. Comunicaciones*. Pamplona: Institución Príncipe de Viana (*Príncipe de Viana*, Anejo 7), p. 435-445.
- GORROCHATEGUI, J. (1995) - Los Pirineos entre Galia e Hispania: Las lenguas. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 12, p. 181-234.
- GUÉRIN, P.; SILGO, L. (1996) - Inscripción ibérica sobre plomo de Castellet de Bernabé (Llíria, Valencia). *Revista d'Arqueologia de Ponent*. Lleida. 6, p. 199-206.
- DE HOZ, J. (1980) - Crónica de lingüística y epigrafía prerromanas de la Península Ibérica: 1979. *Zephyrus*. Salamanca. 30-31, p. 299-323.
- DE HOZ, J. (1981) - Algunas precisiones sobre textos metrológicos ibéricos. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 16, p. 475-486.
- DE HOZ, J. (1983) - Origine ed evoluzione delle scritture ispaniche. *AIΩN*. Napoli. 5, p. 27-61.
- DE HOZ, J. (1995a) - El poblamiento antiguo de los Pirineos desde el punto de vista lingüístico. In BERTRANPETIT, J.; VIVES, E., eds. - *Muntanyes i població: El passat dels Pirineus des d'una perspectiva multidisciplinaria*. Andorra La Vella: Centre de Trobada de les Cultures Pirenenques, p. 271-297.
- DE HOZ, J. (1995b) - Notas sobre nuevas y viejas leyendas monetales. In GARCÍA-BELLIDO, M.^a P.; CENTENO, R. M. S., eds. - *La moneda hispánica: ciudad y territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos del *Archivo Español de Arqueología*; 14), p. 317-324.
- DE HOZ, J. (2001) - Hacia una tipología del ibérico. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.^a P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 335-362.
- DE HOZ, J. (2002a) - El complejo sufijal *-(e)skn* de la lengua ibérica. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, p. 159-168.
- DE HOZ, J. (2002b) - La leyenda monetar *ikalesken* (MLH A.95). In *Actas del X Congreso Nacional de Numismática* (Albacete, del 28 al 31 de octubre de 1998). Madrid: Museo Casa de la Moneda, p. 212-219.
- IGLESIAS, H. (2000) - Miscellaneés basco-ibériques. *Lapurdum*. Bordeaux. 5, p. 167-180.
- IRSAT = CORELL VICENT, J.; GÓMEZ FONT, X. (2002) - *Inscripcions romanes del País Valencià. I. Saguntum i el seu territori*. Valencia: Publicacions de la Universitat de Valencia, 2002.
- JACOB, P. (1986) - À propos des toponymes Callet, Ceret, Osset. *Emerita*. Madrid. 54, p. 275-280.
- LEJEUNE, M.; POUILLOUX, J.; SOLIER, Y. (1988) - Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 19-59.
- MANIÈRE, G.; ODON, G. (2002) - Un autel gallo-romain dédié à Tutela. *Revue de Comminges et des Pyrénées Centrales*. Saint-Gaudens. 118:3, p. 327-330.
- MARINHO, J. R. (1998) - As moedas hispano-romanas do território português. Achados recentes e algumas considerações. In *IV Congresso Nacional de Numismática, 23 a 25 de Julho. Actas*. Lisboa: Associação Numismática de Portugal, p. 21-28.
- MARTÍNEZ VALLE, A. (1993) - Dos esgrafiados ibéricos sobre una estela romana de Requena (Valencia). *Saguntum*. Valencia. 26, p. 247-251.
- MEZQUÍRIZ, M. A. (1991-1992) - Pavimento de "Opus signinum" con inscripción ibérica en Andelos. *Trabajos de Arqueología Navarra*. Pamplona. 10, p. 365-367.
- MLH I = UNTERMANN, J. (1975) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: Die Münzlegenden*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH II = UNTERMANN, J. (1980) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: Die Inschriften in iberischer Schrift aus Südfrankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, J. (1997) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- OLCINA, M. H. (2001) - Grafit ibèric. In *Legados/legats del MARQ*. Alicante: Museo Arqueológico Provincial, p. 32.
- ORPUSTAN, J.-B. (1999) - *La langue basque au Moyen Age (IX^e-XV^e siècles)*. Baigorri: Izpegi.
- PANOSA, M.^a I. (2001) - Novedades de epigrafía ibérica en Cataluña y algunos aspectos metodológicos. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.^a P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 511-540.
- PANOSA, M.^a I. (2002) - Epigrafía ibérica de Mas Castellar de Pontós. In *Mas Castellar de Pontós (Alt Empordà): un complex arqueològic d'època ibèrica: excavacions 1990-1998*. Girona: Museu d'Arqueologia de Catalunya, p. 577-584.
- PÉREZ OROZCO, S. (1993a) - Notas sobre onomástica ibérica. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 62, p. 61-67.

- PÉREZ OROZCO, S. (1993b) - Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 63, p. 221-229.
- PÉREZ ROJAS, M. (1993) - Las inscripciones con escritura tartésica de la Cueva de La Camareta y su contexto onomástico (aportaciones sobre la «celtización» del mundo ibero-tartésico). In *La Cueva de La Camareta (Agramón, Hellín-Albacete)*. Murcia: Universidad (Antigüedad y Cristianismo; 10), p. 139-266.
- QUINTANILLA, A. (1998) - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco (*Veleia*. Anejos. Serie Minor; 11).
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1997) - Sobre el origen de la escritura celtibérica. *Kalathos*. Teruel. 16, p. 189-197.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1999-2000) [2001] - Botorríta 'launi' - Andelos 'raune': una propuesta de unificación. *Kalathos*. Teruel. 17-19, p. 345-357.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000) - Nuevas observaciones de crono-paleografía ibérica levantina. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 73, p. 43-57.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000) [2001] - Aproximación fonético-estadística a los compuestos nominales de la lengua ibera. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. Castelló. 21, p. 259-270.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2001a) - Aspectos de la morfología de los formantes segundos de los compuestos de tipo onomástico en la lengua ibera. *Faventia*. Barcelona. 23:1, p. 7-19.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2001b) - El término (t)eban(en) en la lengua ibera: 'coeravit' vs. 'filius'. *Arse*. Sagunto. 35, p. 59-85.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002a) - La inscripción sobre escultura de Cerro de los Santos G.14.1 y los problemas de homomorfía en la escritura ibera meridional. *Habis*. Sevilla. 33, p. 203-211.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002b) - La hipótesis del vascoiberismo desde el punto de vista de la epigrafía ibera. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 90, p. 197-217.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002c) - The lexeme *arś* in the Iberian onomastic system and language. *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. 37:3, p. 245-277.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002d) - Acerca de los afijos adnominales de la lengua ibera. *Faventia*. Barcelona. 24:1, p. 115-134.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002a) [2003a] - Problemas y cuestiones metodológicas en la identificación de los compuestos de tipo onomástico de la lengua ibera. *Arse*. Sagunto. 36, p. 15-50.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002b) [2003b] - La escritura ibérica meridional. *Zephyrus*. Salamanca. 55, p. 231-245.
- SÁENZ DE BURUAGA, A.; SÁENZ DE URTURI, P. (1994) - La epigrafía romana de San Román de San Millán (Álava). *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 11, p. 49-82.
- SANMARTÍ-GREGO, E. (1988) - Una carta en lengua ibérica, escrita sobre plomo, procedente de Emporion. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 95-113.
- SILES, J. (1985) - *Léxico de inscripciones ibéricas*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- SILGO, L. (1988) - La antroponimia ibérica de Sagunto (1). *Arse*. Sagunto. 23, p. 67-77.
- SILGO, L. (1993) - Las inscripciones ibéricas de los mosaicos de Camínreal (Teruel) y Andelos (Navarra). In ADIEGO, I. J.; SILES, J.; VELAZA, J., eds. - *Studia palæohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat (Aurea Saecula; 10), p. 281-286.
- SILGO, L. (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana.
- SILGO, L. (1996) - Avance a un estudio de las formas flexivas en ibérico. In VILLAR, F.; ENCARNACÃO, J. d', eds. - *La Hispania prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, p. 301-310.
- SILGO, L. (1998-1999) - Ibérico *ilti*, *iltu* y derivados. *Arse*. Sagunto. 32-33, p. 11-45.
- SILGO, L. (2000a) - De nuevo sobre el "genitivo" ibérico en *-en*. In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 3), p. 99-118.
- SILGO, L. (2000b) - [Recensão a] J. A. QUINTANILLA NIÑO: «Estudios de Fonología Ibérica». *Veleia*, Anejos Serie Minor 11, Vitoria-Gasteiz 1998. 325 págs. In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 3), p. 279-293.
- SILGO, L.; TOLOSA, A. (2000) - Plomo ibérico del Camp de Morvedre. *Arse*. Sagunto. 34, p. 39-44.
- SOLIER, Y. (1979) - Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 12, p. 55-123.
- SOLIER, Y.; BARBOUTEAU, H. (1988) - Découverte de nouveaux plombs, inscrits en ibère, dans la région de Narbonne. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 61-94.
- THOUVENOT, R. (1940) - *Essai sur la province romaine de Bétique*. Paris: De Boccard.
- TOVAR, A. (1974) - *Iberische Landeskunde, II. 1. Baetica*. Baden-Baden: Valentin Koerner.
- TOVAR, A. (1979) - Notas lingüísticas sobre monedas ibéricas. In TOVAR, A. [et al.] - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17-19 junio 1976)*. Salamanca: Universidad, p. 473-489.
- TOVAR, A. (1989) - *Iberische Landeskunde, II. 3. Tarraconensis*. Baden-Baden: Valentin Koerner.

- UNTERMANN, J. (1987) - Repertorio antroponímico ibérico. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 17, p. 289-317.
- UNTERMANN, J. (1992) - Los etnónimos de la Hispania antigua y las lenguas prerromanas de la Península Ibérica. In *Paleoetnología de la Península Ibérica: Actas de la reunión celebrada en la Facultad de Geografía e Historia de la Universidad Complutense. Madrid, 13-15 diciembre de 1989*. Madrid: Universidad Complutense [Complutum. Madrid. 2-3, 1992], p. 19-33.
- UNTERMANN, J. (1991-1993) - Intercanvi epistolar en un plom ibèric?. *Acta Numismàtica*. Barcelona. 21-23 [Homenatge al Dr. Leandre Villaronga], p. 93-100.
- UNTERMANN, J. (1993-1994) - Comentario a la inscripción musiva de Andelos. *Trabajos de Arqueología Navarra*. Pamplona. 11, p. 127-129.
- UNTERMANN, J. (1996) - Los plomos ibéricos: estado actual de su interpretación. In *Las lenguas paleohispánicas en su entorno cultural (curso de la U.I.M.P. - Valencia 4/9-X-1993)*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, p. 75-108.
- UNTERMANN, J. (2002a) - Dos nuevos textos ibéricos del sur de Francia. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, p. 355-361.
- UNTERMANN, J. (2002b) - Lengua ibérica y leyendas monetales. In *Actas del X Congreso Nacional de Numismática (Albacete, del 28 al 31 de octubre de 1998)*. Madrid: Museo Casa de la Moneda, p. 97-106.
- VALLEJO, J. (1950) - Sobre ibérico «-(s)ken» y «-en». *Emerita*. Madrid. 18, p. 215-220.
- VELAZA, J. (1996a) - *Epigrafía y lengua ibéricas*. Madrid: Arco Libros.
- VELAZA, J. (1996) - *Cronica epigraphica Iberica*: hallazgos de inscripciones ibéricas en Levante, Cataluña, Aragón y Navarra (1989-1994). In VILLAR, F.; ENCARNAÇÃO, J. d', eds. - *La Hispania prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, p. 311-337.
- VELAZA, J. (2002) - Ibérico -te. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, p. 271-275.